

SETE NOVOS ROMANCES DA ILHA DA MADEIRA

Manuel da Costa Fontes e Maria-João Câmara Fontes*

Resumo

Este artigo apresenta 7 das 54 versões de romances recolhidas por Maria-João Câmara Fontes em três aldeias madeirenses em Julho de 1990. Estas versões representam um total de 11 romances: 1. *O Parto em Terras Alheias* (trata-se da segunda versão deste romance descoberta na Madeira); 2. *Frei João*; 3. *Bernal Francês + Claralinda + A Aparição*; 4. *Conde da Alemanha*; 5. *A Infanta Seduzida + Conde Alarcos + Flérida*; 6. *A Confissão de Nossa Senhora*; 7. *Vida de Freira*. Cada texto é acompanhado por uma bibliografia das versões portuguesas publicadas, a qual inclui uma secção dedicada às versões recolhidas entre os emigrantes radicados na Nova Inglaterra, Califórnia e Canadá, a fim de destacar a sua importância. Quando apropriado, a bibliografia inclui também listas de versões brasileiras, galegas, castelhanas, catalãs, sefarditas, hispano-americanas e da tradição antiga (especialmente do século XVI). A última lista, que devemos ao trabalho de Samuel G. Armistead, proporciona uma correlação com as baladas pan-europeias.

Abstract

This paper presents seven of the fifty-four ballad versions collected by Maria-João Câmara Fontes in three villages of Madeira Island (Portugal), in July 1990. These seven versions represent a total of eleven text-types: 1. 1. *O Parto em Terras Alheias* (this is the second version of that ballad recorded in Madeira); 22. *Frei João*; 3. *Bernal Francês + Claralinda + A Aparição*; 4. *Conde da Alemanha*; 5. *A Infanta Seduzida + Conde Alarcos + Flérida*; 6. *A Confissão de Nossa Senhora*; 7. *Vida de Freira*. Each poem is followed by a bibliography of Portuguese versions, which, in order to stress their importance, includes a section dedicated to those collected among Portuguese immigrants in New England, California, and Canada. When appropriate, the bibliography continues with lists of Brazilian, Galician, Castilian, Catalan, Sephardic, Spanish American, and early (especially 16th cent.) versions. The final list, which we owe to the work of Samuel G. Armistead, provides a pan-European correlation.

* Modern and Classical Language Studies. Kent State University. PO Box 5190. Kent OH 44242-001. E. U. A. <mfontes@kent.edu>

O romanceiro madeirense está representado por duas colecções principais. A primeira, *O Romanceiro do Arquipélago da Madeira*, de Álvaro Rodrigues de Azevedo, publicada em 1880, vinte e nove anos depois do terceiro volume do pioneiro *Romanceiro Português* (1843–1851) de Almeida Garrett, deu logo a conhecer a riqueza da tradição oral das ilhas da Madeira e do Porto Santo. Embora publicada cento e dois anos mais tarde, a segunda colecção, os *Romances Tradicionais* (1982; = Madeira) recolhidos por Pere Ferré, Vanda Anastácio, José Joaquim Dias Marques e Ana Maria Martins, confirma que a tradição madeirense continuava a ser das mais ricas do país, conservando um bom número de romances extraordinariamente raros. A terceira colecção mais importante é provavelmente a recolhida pela malograda Joanne Purcell (1938–1984),¹ visto que consta de 30 bobinas gravadas em 1969 ou 1970, em dois meses de pesquisa. Embora o seu póstumo *Novo Romanceiro Português das Ilhas Atlânticas* (= Purcell, *Ilhas*) inclua 50 desses romances (veja-se a lista de informantes nas pp. 278–279), deve haver muitos mais. Seguem-se os 72 romances derivados da tradição antiga reunidos em *Xarabanda* (Torres 1995). Maria Aliete Dores Galhoz incluiu 56 romances da Madeira e do Porto Santo no seu monumental *Romanceiro Popular Português*.² Joanne Purcell e M. da Costa Fontes recolheram uns 51 romances madeirenses na América do Norte.³ Em 1983, Pere Ferré editou 17 romances ditados por uma só informante. Que saibamos, as outras recolhas publicadas são todas menores.⁴

Tal como a tradição oral dos Açores, que tinha sido dada a conhecer onze anos antes — os *Cantos Populares do Arquipélago Açoriano* publicados por Teófilo Braga são de 1869⁵ —, a tradição madeirense é muito rica, conservando vários romances que não sobreviveram em outras zonas do país. *O Cid e o Conde Lozano* (RPI, A3), *Cavalga Diogo Laínez* (RPI, A4), *O Desterro do Cid* (RPI, A5), *Tu não te Lembras, Rodrigo* (RPI, A10) e *O Juramento de Santa Gadea* (RPI, A13), que derivam da canção de gesta peninsular, perpetuando-a, por assim dizer, até aos nossos dias, são exclusivamente madeirenses. Até agora, *D. Olívia* (RPI, M11) também só foi recolhido na Madeira e no Porto Santo. Outros dois romances épicos, *As Queixas de D. Urraca* (RPI, A8) e *As Ameias de Toro* (RPI, A9), e o histórico *Morte do Príncipe D. Afonso* (RPI, C4), só se repetem nos Açores. *A Conquista de Alhama* (RPI, C3), *Landarico* (RPI, M4) e *A Serrana Assassina* (RPI, N3) só têm paralelos em Trás-os-Montes, e *O Dia de São João* (RPI, D1) só foi recolhido no Algarve. Existem outros romances

¹ Para um breve resumo da obra desta insigne investigadora, veja-se Armistead e Fontes 1985.

² Veja-se Galhoz 1987–1988: I, 547; II, 1413.

³ *Califórnia*: 9, 64, 204; *Canadá*: 519 (esta lista inclui 54 poemas, mas nem todos são romances); Purcell, *Califórnia*: I, 1A, 2A, 7, 8A, 11, 12B, 14, 15A, 16–17, 20D, 21A–B, 22B–D, 24 (Samuel G. Armistead e M. da Costa Fontes estão a preparar esta obra para o prelo).

⁴ Veja-se Fontes e Fontes 2001: 7–9.

⁵ Esta obra foi reeditada, em fac-símile, pela Universidade dos Açores, em 1982; é pena que não se faça o mesmo com o *Romanceiro* de Rodrigues de Azevedo.

extremamente raros no Arquipélago da Madeira, mas o que deixamos dito bastará para dar uma ideia.

Em Julho de 1990, Maria-João Câmara Fontes gravou 54 versões de 44 romances no Machico, em Gaula e no Campanário. Publicámos seis desses romances em 2001,⁶ e agora damos a conhecer outros sete. *O Parto em Terras Alheias* (nº 1) representa um precioso achado, visto que constitui a segunda versão madeirense desse romance. A primeira (Madeira 141), descoberta graças ao empenho de Ana Maria Martins (Madeira: 21), foi recolhida em 1981. Poderia suspeitar-se que, devido ao seu carácter estrófico, *A Confissão de Nossa Senhora* (nº 6) não constitui um verdadeiro romance, mas, no mundo de língua espanhola, o poema rima predominantemente em *í-o*.⁷ *Vida de Freira* (nº 7) é também um poema estrófico, composto de quadras de pé quebrado, uma forma muito apropriada, porque, como a freira acha que foi enterrada em vida, a repetição do pé quebrado no fim de cada quarto verso faz lembrar o repicar dos sinos pelos mortos.⁸ Contudo, trata-se duma forma alheia às que prevalecem no romanceiro, de modo que, apesar do seu carácter semi-narrativo — a pobre monja entremeia nas suas queixas pormenores sobre a família e os rigores do convento —, haverá quem prefira classificá-lo de outro modo, excluindo-o do cânone. Seja como for, a canção, que nos veio do país vizinho, remonta ao século XVI.⁹

⁶ Incluíam os seguintes temas: 1) *O Cid e o Conde Lozano* (RPI, A3); 2) *Silvana* (RPI, P1) + *A Morte do Rei D. Fernando* (RPI, A7) + *As Queixas de Urraca* (RPI, A8) + *Tu não te Lembras, Rodrigo* (RPI, A10); 3) *Aliarda* (RPI, R1) + *Conde Claros Vestido de Frade* (RPI, B4); 4) *Morte do Príncipe D. Afonso* (RPI, C4) + *Não me Enterrem em Sagrado* (RPI, K5); 5) *Gerinaldo* (RPI, Q1) + *D. Pedro Pequeno* (RPI, H8) + *O Prisioneiro* (RPI, H7); 6) *Veneno de Moriana* (RPI, N1) + *Quem Dever a Honra Alheia* (RPI, K6).

⁷ Eis um exemplo:

2 Se fue la Madre de Dios ca' San Juan, primo de Cristo,
puesta en el confesonario estas palabras le dijo:
— Padre, vengo a confesar, que el confesar es preciso,
4 porque con la confesión enseñaba a nuestros hijos.
Sigamos los mandamientos que es más derecho el camino.
6 El primero: Amar a Dios, porque de nada los hizo.
El segundo: No jurar en vano el nombre de Cristo,
8 porque el que en vano lo jura tendrá de Dios buen castigo.
En el tercero: Me acuso que robé al Señor un niño,
10 y lo tuvo nueve meses dentro su vientre escondido.
Padre de misericordia, de que me salves te pido.
12 — Yo no te encuentro pecado ni nunca lo has cometido.
— ¡Padre de misericordia! de que me ensuelves te pido.
14 — Yo no encuentro qué ensolverte, relicario cristalino.
Se fue la madre de Dios ca' de su bendito Hijo.

(Trapero 1989: 84)

⁸ Para uma versão onde se pode apreciar mais claramente este fenómeno, veja-se RPI, X20.

⁹ Para um estudo pormenorizado, veja-se Fontes 1990 e 1992 (a segunda versão, em espanhol, é um pouco mais abreviada).

O romanceiro é um fenómeno pan-ibérico e pan-europeu, e a bibliografia colocada depois de cada poema demonstra que a tradição portuguesa e brasileira é inseparável dessas tradições. Como o *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna* (RPTOM) reúne os materiais publicados entre 1828 e 1960, a secção dedicada a Portugal destaca colectâneas posteriores a essa data, realçando, quando prático, os nomes dos respectivos distritos ou províncias, a fim de dar uma melhor ideia da distribuição de cada poema através do país. Segue-se uma secção dedicada à América do Norte, a qual bem demonstra a importância da contribuição dos nossos emigrantes para o estudo do romanceiro português.¹⁰ Quando possível, apresenta-se a secção brasileira segundo os estados onde os materiais foram recolhidos.¹¹ A parte dedicada à Espanha está organizada sobretudo em termos linguísticos. Começa-se com a Galiza devido à forte afinidade entre o romanceiro galego e o português,¹² seguindo-se com Castela e a Catalunha. Note-se que existem muitos romances galegos com palavras e passagens em castelhano ou completamente naquela língua. O fenómeno repete-se na Catalunha, embora bastante menos. Depois da secção catalã, vem a sefardita, ou seja, a parte dedicada aos romances em judeo-espanhol conservados pelos descendentes dos judeus expulsos da Espanha em 1492. Está organizada sobretudo segundo os países e cidades onde os romances foram recolhidos. Quando possível, indicam-se também os países na secção dedicada à América de língua espanhola. A letra (m) designa os romances acompanhados por transcrições musicais. Os paralelos indicados sob a rubrica “Tradição antiga” são sobretudo do século XVI. A secção pan-europeia baseia-se na esplêndida correlação preparada por Samuel G. Armistead (Armistead, RPI).

Como algumas das obras indicadas na bibliografia são antologias e reimprimem materiais publicados anteriormente, mas decidimos incluí-las devido à sua importância. Por exemplo, o esplêndido *Romanceiro Oral da Tradição Portuguesa*, de João David Pinto-Correia, constitui a única obra do género em Portugal — existem várias para o país vizinho¹³— sendo indispensável para quem quer que seja que deseje iniciar-se no estudo do romanceiro português. Embora com menos comentário, a *Poesía tradicional de los judíos españoles* (PTJ), de Manuel Alvar, proporciona também uma boa introdução ao romanceiro sefardita.

Para mais bibliografia pan-ibérica e pan-europeia, consulte-se o nosso catálogo do romanceiro português e brasileiro (RPI), o catálogo de Samuel

¹⁰ A distribuição dos informantes reflecte, em linhas gerais, a origem da emigração portuguesa para os Estados Unidos e para o Canadá. Apesar dum bom número de informantes do Continente e da Madeira, a vasta maioria é dos Açores.

¹¹ Alguns dos romances publicados por Doralice Fernandes Xavier Alcoforado e María del Rosario Suárez Albán (= Baía) foram ditados por emigrantes galegos, na sua língua.

¹² Veja-se Fontes 2001: 388.

¹³ Os exemplos principais—existem outros—são Débax 1982; Díaz-Mas 1994 (2.ª ed. 2001); Díaz Roig 1981; Di Stefano 1973 (2.ª ed. 1993); Smith 1964 (2.ª ed. 1996).

G. Armistead para a rica colecção sefardita do Arquivo Menéndez Pidal, em Madrid (CMP),¹⁴ assim como os catálogos dedicados ao romanceiro galego (Valenciano *et al.*), ao romanceiro asturiano (= Asturias) e ao romanceiro da América do Sul (= América, Argentina, Colômbia).

A correlação com o IGR (Índice General del Romancero), um sistema de classificação para todo o romanceiro pan-hispânico elaborado pelo Seminario Menéndez Pidal, é extremamente útil para quem utilizar o magnífico *website* intitulado “Pan-Hispanic Ballad Project” de Suzanne H. Petersen (<https://depts.washington.edu/hisprom/>), sediado na Universidade de Washington (Seattle). Nele, os investigadores e os alunos encontrarão uma ampla bibliografia e um bom número de textos que as suas bibliotecas talvez não possuam. Como afirmam os professores que o têm utilizado, este *website* constitui uma fonte indispensável para as aulas dedicadas ao estudo do romanceiro.

1. O PARTO EM TERRAS ALHEIAS (HEPTASS., ESTRÓF.)

Versão do lugar de Moinho da Serra, Machico, recitada por Maria Deolinda, de 53 anos de idade, em Julho de 1990 (6B170:7).

- Igrei-vos, marido, do doce dromir;
2 vai chamar tua mãe, qu’ê quero parire.
— Igrei-vos, mãe, do doce dromir;
4 ide à vossa nora, qu’ela qué parire.
— S’ela qué parire um filho varão,
6 que nem venha p’r’ò mundo, nem seja cristão.
Chegando a casa sem alegria,
8 começando a chorar com triste agonia:
— Levantai-vos, marido, do doce dromir,
10 vai chamar minha mãe, qu’eu quero parir;
ela é de longe, mas sei que há-de vir.
12 — Levantai-vos, sogra, do doce dromire;
ide à vossa filha, que ela qué parire.
14 — S’ela qué parir um filho varão,
que venha p’r’ò mundo e seja cristão.
16 Vós indes, genro, vós indes andando,
que eu vou-me vestindo e vou caminhando.
18 [.....] Foi em altas serras
que sentiu os sinos tocá nas igrejas.
20 — Que sinos são estes que toco nas igrejas?
Diziam os pastores que vigiavam ovelhas:
22 — Foi ùa mulhé [.....]

¹⁴ Sobre este Arquivo, que contém a maior colecção de romances pan-ibéricos no mundo, incluindo um bom número de romances portugueses, e a sua notável acção através de cerca de cem anos de existência, veja-se Catalán 2001 (recensão: Fontes 2003–2004).

- que morreu do parto por nã tê parteira.
24 — Ó que tirana sogra que Jesus te deu;
tanta aflição e nã te valeu!
26 Não há p'ra ùa filha com'amor de mãe,
que esta morreu e ê morro (?) também.

3a I. sogra.

Portugal: Beira Baixa 70–84; Beja 34–36; Castelo Branco 27–30; Faro 34; Galhoz 1987–1988, 188–194; Guarda 18–21; Madeira 141; RPI, L2; RPTOM, II: 636–647 e I, p. 510 (contaminações; s. v. *Casada de lejas tierras*); Trás-os-Montes, *Romanceiro* 354–357, 563–564, 580 (m: 357).

Brasil: Alagoas 6.1–2; Baía 1.4.1–7; Maranhão, pp. 217–218, 221, 223–226; Pernambuco, pp. 331–333; Romero 1954, 14; Sergipe 19.1–6 (m: p. 564 [19.4, 19.1]).

Galiza: Carré 66; Sampedro 181; Valenciano *et al.* 1998, 73.

Castela: RGL 65; RPE 28; RPM 156–157; RTM 41; Trapero 1989, 35; VN 20.1–9.

Sefarditas: Bosnia B10, C9; CMP, L2; MP 68; PTJ 67; Tetuán 92.

Tradição antiga: Frenk 2003, 454a–b: Ya cantan los gallos, / buen amor, y vete (454b).

Correspondências pan-europeias: Armistead, RPI, p. 629 (L2): Possíveis paralelos anglo-escoceses, alemães, ídiches, e eslovenos.

2. FREI JOÃO (Á-A)

Versão de Sítio da Torre, Gaula, recitada por Maria Rodrigues (Aguiar), de 72 anos de idade, no dia 21 de Julho de 1990 (7A150:5).

- Abre-m'a porta, Serena, qu'ê 'tou c'ó pé na geada;
2 se tu nã m'abres a porta, não és Serena nem nada.
— Ê nã te posso abrir a porta, Frade João da minh'alma;
4 ê tenho o mê filho nos braços e o mê marido à minha ilharga.
— Vem-te cá, ó mulher minha, a quem dás as doces falas?
6 — Foi à vezinha padeira, que me veio a preguntare:
qu'ia amassá pão com leite, senã deitava o..
8 — Levantai-vos, mulher, andai dirigi vossa casa.
Mandai os pretos p'à lenha e os criados buscar água
10 que, para mais descanso vosso, ê vou-lhe barrer a casa.
— Alevantai-vos, marido, e anda p'à caça caçar,
12 qu'ó coelho da charneca é bem bom para ensopar.
Sê marido caminhou, já Serena s'asseava;
14 bom sapato, boa meia, que sobr'o pé lhe brilhava,
sê vestidinho de seda, qu'enté o ventinho a levava.
16 Chigou ao meio da rua, por o frade preguntou.
— Frade João nã 'tá em casa, foi para a caça caçar,
18 mas s'a pressa não era munta, ê vou mandá-lo chamar.

Q'ando o Frade João auviu qu'a Serena qu'ali estava,
20 ficou louco de contente, s'havera de corrê, saltava.
Chegou ò pé da Serena, pel'um braço na lovava;
22 pegou-le por um braço e p'ò sê quarto a levava.
Deu-le boas galhetas de vinho, toneladas de marmelada;
24 tam'ém lhe deu um vestido de sete melras à vara.
— Agora adês, mê Frei João, mê Frei João da minh'alma;
26 Dês sabe q'ando teremos outra conversa tão larga.
Chegou ao meio da rua, seu marido a encontrou.
28 — Donde vindes, mulhé minha, que vindes tão aseada?
— Venho da missa dos frades, que se diz de madrugada.
30 — Essa missa que tu ouviste vai-te salvar a tu'alma;
anda p'ra casa, mulhé, que eu lá é que vou saber.
32 — Nã tenho medo da morte, qu'ê nasci foi p'a morrer;
só me pesa as minhas filhas, qu'outra mãe já nã vão ter.
34 — Se fosses ùa boa mãe como devias a ser,
nã ias morrer agora da morte que vais morrer.
36 Ao canto desta rua vou deitar (?) um pregão:
vou matá minha mulhé por via do Frade João.

21a Chegou à porta. — 22a lovou-na para o sê quarto. — 36–37 *Um homem ajuda a lembrar.*

Portugal: Beira Baixa 100–101; Beja 45–46; Castelo Branco 40; Corvo e Flores 19A–E; Faro 39; Galhoz 1987–1988, 209, 224–232, 234; Guarda 32–34; Madeira 157–178; Marques–Silva 30–31; RPI, M2; RPTOM, III: 854–892; São Jorge 98–105 (m: 99); Trás-os-Montes, *Cancioneiro* 17n (m); Trás-os-Montes, *Romanceiro* 90, 396, 408, 430, 437–442 (m: 440).

América do Norte: Califórnia 69–72; Canadá 133–138; Purcell, *Califórnia* I, 12a–d; Purcell, *Califórnia* II, 3a–b (m).

Brasil: Baía 1.17.1; Magalhães 1973, p. 83; Maranhão, pp. 212, 214–215; Pernambuco, pp. 326–330; Sergipe 15.1–5 (m: pp. 554 [15.1], 558 [15.5]).

Galiza: Valenciano *et al.* 1998, 95.

Castela: FM 20, 105; RPE 22–24; RPM 132–133; RQDB 32; Trapero 1989, 44.

Catalunha: AFC 2212; Milá 1882, 359.

Sefarditas: Bosnia C13a–b; CMP, M3; Israel 58.

Correspondências pan-europeias: Armistead, RPI, p. 629 (M3); veja-se também *Corvo e Flores*, p. 172.

Tradição antiga: Veja-se CMP, II, 55: Yo me [a]levantara un lunes; Yo me alevantera un lunes, / un lunes por la mañana.

3. BERNAL FRANCÊS (Í) + CLARALINDA (POLIAS.) + A APARIÇÃO (Í)

Versão de Sítio da Torre, Gaula, recitada por Maria Rodrigues (Aguiar), de 72 anos de idade, no dia 21 de Julho de 1990 (7A107:4).

- Quem à minha porta bate, bat'às horas de dromir.
2 — E é D. Francisco, senhora, que vem para vos servir.
— Se soubera o D. Francisco s'era, a porta l'eu ia abrir,
4 e levava-o ò mê jardim e lavava em água de flores,
deitava-o na minha cama e perfumava-o d'alecrim.
6 Meia-noite 'tava dada, outra meia devedida.
— D. Francisco nã me fala, nem para mim se ele vira;
8 decerto que le dissero de mim algũa mentira,
ò tem outra dona infanta a quem queira mais qu'a mim,
10 ò tem medo de mê irmãos, ando à caça por 'i,
ò tem medo de pai e mãe, 'ind'agora vão daqui.
12 E se temes de mê marido, 'tã longes terras daqui.
'Tã longes terras daqui, 'tã p'ò Pico do Leão;
14 sete fadas no malfado, má nova me venha a mim,
má cepa lhe dê nas pernas, ãa sede no falcão,
16 ãa cita na mão direita e ãa dô no coração.
— Ê nã temo de tês irmãos, que eu nunca deles temi,
18 nem temo de pai e mãe, que 'tão deitados a dormir.
Temo de tê marido, que o tens a par de ti.
20 — Ai que me trazes, mê marido, dessas terras do asilo?
— Ê trago-t'um punhal d'oiro para no peito te ferire,
22 mas antes qu'a manhã rompa vou-te talhá um vestido.
— Ê nã tenho medo da morte, qu'ê nasci foi p'a morrer;
24 só me pesa as minhas filhas, qu'outra mãe já nã vão ter.
— Se fosses ãa boa mãe como devias a ser,
26 não ias morrer agora da morte que vais morrer.
— Onde vais, ó D. Francisco, que vais tão afadiado?
28 Vejo-te de barba feita e tê cabelo penteado.
— Vou à casa da minha dama, qu'há dias qu'ê não a vejo.
30 — A tua dama i-é morta, é morta, qu'ê bem na vi,
porque o sê marido matou-na, tudo causado por ti.
32 — Coma pode sê lá isso s'inda onte de lá vim?
— Os trajos qu'ela levou ê posso-te dizer aqui:
34 foi ãa saia de lona, sapato de maroquim,
vestidinho d'esguião, lencinho de cramesim.
36 Sete condes na lovavam num desquife de marfim,
afora a gente miúda, qu'isso lá nã tinha fim.
38 — Volta p'ra trás, mê cavalo, q'anto mais possas andare,
para a igreja de São Gil, para lá ir a descansar.
40 — Vive lá, mê namorado, vive lá, qu'ê já morri,
qu'o mê marido matou-me, tudo causado por ti.
42 Aquele filho que tivemos entre ti e entre mim,
põe-lhe armas e cavalos, ensina-o a par de ti.
44 A boca qu'ê te beijava, já de bichinhos a enchi,
e braços que t'abraçava, querido, nã 'tão em mim.
46 Todo o dia acarto lenha e à noite queimo-n'em mim (?).

20b+ Ela cá diz agora qu'era um sonho que 'tava tendo. — 26b+ Matou-na. Matou-na. [...] O outro dia veio o D. Francisco. Vinha D. Francisco a vê-la. [...] — 39b+ Chegou lá, encontrou-na. — 44a Aquela b.

BERNAL FRANCÊS

Portugal: Beja 50–54; Castelo Branco 41; Corvo e Flores 12A.7–9, 25–27, 12B.6–7, 23, 12C.1–3, 15A.39–40, 15B.37, 20A–C; Faro 40–42; Galhoz 1987–1988, 221, 235–246; Madeira 160, 168, 171, 176, 179–189, 251, 253; Pinto-Correia 2003, 98–102; RPI, M5; RPTOM, III: 893–942 e III, p. 480 (números anteriores a 893 e posteriores a 942); São Jorge 105–108; Trás-os-Montes, *Cancioneiro* 18a (m); Trás-os-Montes, *Romanceiro* 457–470; *Vale Judeu*, I: 37–38, II: 36–37.

América do Norte: Califórnia 73–74; Canadá 139–141; Nova Inglaterra 65.

Brasil: Alagoas 8.1; Baía 1.16.1–3; Magalhães 1973, p. 57; Maranhão, pp. 78–79, 81–82, 85–86; Pernambuco, pp. 354–358; Romero 1954, 3; Sergipe 4.1–4 (m: p. 552 [4.1 4.3–4]).

Galiza: Carré 59, 61; Valenciano *et al.* 1998, 66.

Castela: FM 99–100, 513; RGL 58; RPE 25; RTM 48; Trapero 1989, 39.

Catalunha: AFC 2234; Aguiló 1893, 47–50; Amades I, 43; Macabich 1954, pp. 39–42; Milá 1882, 255.

Sefarditas: Bosnia B9; CMP, M9; Marruecos, p. 138; MP 83; PTJ 83, 117; Tetuán 170–171.

América Espanhola: América 54–63; Argentina 5; Chile 41–45; Colombia 141–144, 146; Costa Rica 5a–r (m: pp. 107–108); México 7.1–41 e pp. 197–200; MP “América” 3; Nuevo México 44–62.

Tradição antiga: Menéndez Pidal 1953, II, 407: —¿Quién es ese caballero / que a mi puerta dixo: Abrid!; cf. Frenk 2003, 2068.

Correspondências pan-europeias: Armistead, RPI, p. 629 (M5): Versões francesas e italianas. Veja-se também *Corvo e Flores*, pp. 172–173.

CLARALINDA

Portugal: Beira Baixa 92–99; Beja 43–44; Castelo Branco 35–39; Corvo e Flores 9A–B, 20C.18; Faro 38; Guarda 26–31; Galhoz 1987–1988, 207–223bis, 243; Madeira 155–156; Marques-Silva 25–29; Purcell, *Ilhas* 6.1–2; RPI, M1; RPTOM, III: 943–984 e I, p. 511 (contaminações; s. v. *Blancaniña*), III, p. 481 (contaminações; s. v. *Blancaniña*, números anteriores a 943); São Jorge 2, 94–97 (m: 95); Trás-os-Montes, *Cancioneiro* 17a–o (m: 17a–k, m–o); Trás-os-Montes, *Romanceiro* 392–436, 462 (m: 401); *Vale Judeu*, II:34–35.

América do Norte: Califórnia 67–68; Canadá 126–132; Nova Inglaterra 58–59.

Brasil: Lima 1971, pp. 83–84 (m).

Galiza: Carré 64–65; Sampedro 172; Valenciano *et al.* 1998, 65.

Castela: Asturias 25; CVR 33; FM 16–19, 101–104, 248–250, 348–350,

398-399, 445-446, 494, 513-514, 534-535, 589-590; RGL 57; RPE 19-21; RPM 120-129; RTM 46; Trapero 1989, 40; VN 32.1-10.

Catalunha: AFC 2294, 2322; Aguiló 1893, 21-22; Amades II, 26; Macabich 1954, pp. 35-38, 137-142; Milá 1882, 254.

Sefarditas: Bosnia C12; CMP, M1; Israel 12; Marruecos, pp. 142-143; MP 78; PTJ 77; Tánger 33; Tetuán 108-113.

América Espanhola: América 21-47; Argentina 18; Chile 35-40; Colombia 145, 147; Cuba, pp. 151-160; México 6.1-18 e pp. 195-197; MP "América" 4; Nuevo México 50-56, 67.

Tradição antiga: *Primavera* 136: Blanca sois, señora mia, / mas que el rayo del sol; *ibid.* 136a: / Ay, cuan linda que eres, Alba, / mas linda que no la flor!

Correspondências pan-europeias: Armistead, RPI, p. 629 (M1): Versões franco-provençais, franco-canadianas, italianas, inglesas, anglo-americanas, alemãs, ídiche s, escandinavas, lituanas, húngaras, eslovenas, romenas e gregas. Veja-se também *Corvo e Flores*, pp. 163-164.

A APARIÇÃO

Portugal: Beira Baixa 33-48; Beja 50-54; Castelo Branco 15-17; Corvo e Flores 12A.28-29, 12B. 26-28, 19A, 20A-B; Faro 21-26, 41-42; Galhoz 1987-1988, 108, 110-111, 113-115, 118, 120-122, 124-135, 137-138, 221, 231-232, 235, 237, 239-245; Guarda 6-13; Madeira 87-94, 157, 179-181, 183-184, 186-187, 189; Marques-Silva 17, 31; Pinto-Correia 2003, 81-84, 98-102; RPI, J2; RPTOM, II: 497-503, 505-506, 512-517, 519, 524-525, 527, 529, 532-551 (com *O Soldado*) e I, p. 511, III, p. 480 (outras contaminações, s. v. *La aparición*); São Jorge 51, 105-108; Trás-os-Montes, *Cancioneiro* 9a (m), 10a-c (m), e-h (m); Trás-os-Montes, *Romanceiro* 195-200, 202-215, 217-242, 457-461, 464, 466-467, 469-470 (m: 198); *Vale Judeu*, II: 34.

América do Norte: Califórnia 32, 47, 73-74; Canadá 54-62, 139, 141; Fontes 1989-1990, 6-7; Nova Inglaterra 25-30, 65; Purcell, *Califórnia* 1, 7.

Brasil: Alagoas 8.1; Baía 1.13.1, 1.16.1-2; Lima 1971, pp. 75-76 (m); Magalhães 1973, pp. 57-58; Maranhão, pp. 79, 82, 86; Pernambuco, pp. 356-359; Romero 1954, 3; Sergipe 4.1-4 (m: p. 552 [4.1, 4.3-4]).

Galiza: Carré 51-54, 59; Sampedro 175; Valenciano *et al.* 1998, 58.

Castela: Asturias 20; CVR 73; FM 12; RGL 54; RPE 46-47; RPM 241-242, 244-251; RTM 31; Trapero 1989, 34; VN 30.1-10.

Catalunha: AFC 3003; Amades I, 48; Milá 1882, 227.

Sefarditas: CMP, J2; MP 56; PTJ 55; Tánger 8; Tetuán 70.

América Espanhola: América 48-51; Argentina 1; Costa Rica 6c, 6m; Cuba, p. 213; México 9-A.1-6 e pp. 203-204; MP "América" 17; Nuevo México 1-11.

Tradição antiga: Menéndez Pelayo 1945, p. 47, Durán 1945, 292: En el tiempo que me ví / más alegre y placentero; Menéndez Pelayo 1945, p. 96: ¿Dónde vas, el caballero? / ¿dónde vas, triste de tí?; *ibid.*, p. 464: En los tiempos que me ví / más alegre y plazentero.

Correspondências pan-europeias: Armistead, RPI, p. 628 (J2): Versões italianas. Veja-se também *Corvo e Flores*, p. 172.

4. CONDE DA ALEMANHA (ESTRÓF.)

Versão de Machico, recitada por José Vasconcelos Freire, de 93 anos de idade, em Julho de 1990 (4A209:5).

- Eu estava no mê tear, deitando fios à trela,
2 passa o conde d’Alemana, um fio me tirou dela.
— Ó menina, deixai o conde, que é menino e quer brincare.
4 — Eu arrenego do sê brinco, mais do sê doce brincare,
que me pegou c’ũa mão, p’ à cama m’ia levare.
6 S’o papai nã le dá ensino, ê vou-o mandá castigare.
— Fiz a decisão ali na corte e ele vai a degolar.
8 Minha filha, s’assim é, ê já vou mandá-lo matare,
qu’o chicote do mê cavalo serve p’ò enchicotare
10 e aba da minha casaca serve p’ò amortalhare.
— A mamãe que venha ver, venha à janela do meio,
12 se q’ré ver o senhô conde, como ele vai vermelho.
A mamãe que venha ver, venha à janela do cabo,
14 qu’ê p’a ver o senhor conde, coma i-ele vai amarrado.
— Eu arrenego de ti, filha, e do leite que mamaste;
16 c’ũa pírola tão fina, só ùa morte le causaste.
— A mamãe cale a boca, não me faça agoniare,
18 qu’a morte que foi p’ò conde, nem a queira a mãe levare.
Ê tenho o mê vestido de seda, querem-me dá de damasco;
20 ainda tenho o mê pai vivo, já me querem dá padrasto.

Portugal: Beira Baixa 102–103; Beja 47–49; Castelo Branco 42; Corvo e Flores 21A–B; Faro 43–44; Galhoz 1987–1988, 247–260; Guarda 35–36; Madeira 190–201; Marques-Silva 32; Pinto-Correia 2003, 103–106; Purcell, *Ilhas* 10.1–39; RPI, M9; RPTOM, III: 784–853 e I, p. 510, IV, p. 411 (outras contaminações, s.v. *Conde Alemán*); São Jorge 109–115; Trás-os-Montes, *Cancioneiro* 19a; Trás-os-Montes, *Romanceiro* 471–478; *Vale Judeu*, I: 36.

América do Norte: Califórnia 75–84; Canadá 142–147; Fontes 1989–1990, 10; Nova Inglaterra 66–67; Purcell, *Califórnia* I, 1a–b.

Brasil: Lima 1971, pp. 71–73 (m); Magalhães 1973, p. 62; Maranhão, pp. 139–140, 142–146; Sergipe 7.1–2.

Castela: Vilhena 1989, pp. 135–136 (em port.).

Sefarditas: CMP, M13; Israel 25; PTJ 81.

Tradição antiga: *Primavera* 170: Atan alta va la luna / como el sol a mediodia.

5. A INFANTA SEDUZIDA (Á–A) + CONDE ALARCOS (Í–A) + FLÉRIDA (Í–A)

Versão do lugar da Ribeira Seca, sítio da Nóia, Machico, recitada por Maria José Ferreira Clemente, de 83 anos de idade, em Julho de 1990 (3A196:4).

Andava a D. Angélica servindo o sê pai à mesa,
2 sua saia arregaçada, sua barriguinha tesa.
— O que tens, D. Angélica, qu'assim andas demudada?
4 — Isto são das águas frias que eu bebo de madrugada.
Mandou chamar o doutor, D. Angélica se amostrava (?).
6 — Filha qu'um tal feito fez, que devia a ser queimada
com sete talhas de lenha, e eu mesmo (?) nas atiçar.
8 — Ó papai, vos já é tempo de vós me dares marido,
porque já me cre'ce a barriga, já m'acurta o mê vestido.
10 — Por este acurto não* contigo quem casa seria (?);
só se for o conde Alaves, mas tem sua mulher e filha.
12 — Ah papai, me'mo é a esse qu'a minha honra eu devia.
Bem pudera o papai lhe dar um dia de jantar,
14 e no meio da comida, da sua filha falare.
S'o papai nã le falar, eu me'mo le falaria.
16 — Não te lembras, conde Alavos, promessas daquele dia,
debaixo dum rosal verde, ao pé d'ua fonte fria?
18 — Não me lembra tais promessas, nem quem nas prometeria,
que eu era menino novo, nada disso eu entendia. [...]
20 — Ó conde, mata a condessa, paga a honra à minha filha,
e traz-m'a cabeça amanhã, nãa salva d'água fria.
22 — E eu p'a que a mato, senhor, se ela a morte não merecia?
— Mata, conde, mata, conde, mata nãa ave-maria,
24 e traz-m'a cabeça amanhã, nãa salva d'água fria.
Foi conde Alaves p'ra casa todo cheio d'agonia:
26 — Ah mulhé, tu põe-m'a mesa, vontade de comê trazia.
A mesa já estava posta, conde Alarves nã comia;
28 com as lágrimas nos olhos, que nos pratos retenia.
— Ah mulhé, tu faz-m'a cama, vontade de dormi trazia.
30 A cama já 'tava posta, conde Alarves nã dormia,
com as lágrimas nos olhos, qu'os lençóis ensoparia.
32 — Tu contas-me, conde Alarves, conta-m'a tua agonía,
porque se ela for de passar, eu por ti na passaria.
34 — O rei te manda matar p'a honra da sua filha.
— Deixa-me dar um passeio da sala para o jardim;
36 adeus, cravos, adeus, rosas, adeus, flores d'alecrim.
Deixa-me dar um passeio da sala para a cozinha;
38 adeus, cravos, adeus, rosas, ora adeus, criadas minhas.
Dai-me cá o meu menino, deixa-me dar de mamar.
40 Filho das minhas entranhas, quem t'há-d'agora criar?
Mama, meu menino, mama este leite agoniado,
42 qu'o teu pai hoje é conde e amanhã é rei coado.
Mama, meu menino, mama este leite d'agonia,
44 que tua mãe hoje é viva, amanhã na terra fria.
Eu ouço tocar o sino, ó meu Deus, quem morreria?
46 E que responde o sê menino, qu'inda falar não sabia?
— Foi o rei mais a rainha, por a traição que fazia:
48 descasar um casamento, coisa que Deus não queria.
O rei morreu de manhã e a rainha ao meio-dia.

44a q. vosso pai hoje é vivo. — 49b+ E ele fez... Ele queria culpar o home. Essa, essa princesa. Que ele devia a sua honra. E não era a ela. E não era ele. E Nosso senhor matou-no p'a nã descasá quele casamento, qu'ele queria que matasse a mulhere. A mulher inocente. A senhora 'tá vendo as coisas que se dá? Isto são coisas que pode acontecê por esse mundo além. Sim, senhora.

INFANTA SEDUZIDA

Este romance inclui frequentemente versos de *A Fonte Fecundante* (RPI, R4).

Portugal: Beira Baixa 148–149, 154–155; Castelo Branco 5; Corvo e Flores 8C; Galhoz 1987–1988, 23, 27–28, 32; Guarda 2; Madeira 301–304; Marques–Silva 53; Pinto–Correia 2003, 132–135; Purcell, *Ilhas* 8.6, 8.8–10, 8.14, 8.17; RPI, R2, R4; RPTOM IV: 1262–1271 e I, p. 512 (contaminação, s.v. *La infanta preñada*); São Jorge 3, 5; Trás-os-Montes, *Romanceiro* 716–717, 776.

América do Norte: Canadá 190–191; Nova Inglaterra 94.

Brasil: Alagoas 2.1–4; Baía 1.15.1–12; Magalhães 1973, p. 62 (?); Maranhão, pp. 149, 152–153, 155, 158, 160–162; Pernambuco, pp. 315–317; Romero 1954, 9; Sergipe 9.1–14 (m: pp. 539 [9.1, 9.3], 546 [9.6, 9.8]).

Galiza: Valenciano *et al.* 1998, 30–31.

Castela: Asturias 11; CVR 43–44; FM 11, 81–83, 238–240, 395, 437–438, 528–529; RGL 31–32; RPM 32–34; RTM 63; Trapero 1989, 32.

Catalunha: AFC 2972 (í-a), 3263; Aguiló 1893, 27 (í-a), 62; Macabich 1954, pp. 43–46; Milá 1882, 258.

Sefarditas: Bosnia A4; CMP, R3; Israel 23 (í-a); MP 108bis; PTJ 109; Tánger 47a–b; Tetuán 158–160 (í-a, á-a).

América Espanhola: América 176–177; Chile 49; Cuba, p. 106.

Tradição antiga: *Primavera* 160: Parida estaba la infanta,/ la infanta parida estaba; *ibid.*, 159: Bien se pensaba la reina/ que buena hija tenia.

CONDE ALARCOS

Portugal: Beira Baixa 50–69; Beja 23–33; Castelo Branco 21–26; Corvo e Flores 17A–E; Faro 29–33; Galhoz 1987–1988, 148–187; Guarda 16–17; Madeira 115–140; Pinto–Correia 2003, 89–93; Purcell, *Ilhas* 9.1–66; RPI, L1; RPTOM, II: 663–780 e I, p. 512, III, p. 481; São Jorge 77–89; Terceira 6–7; Trás-os-Montes, *Cancioneiro* 12a–e (m: 12c–e), 55a; Trás-os-Montes, *Romanceiro* 324–353 (m: 347).

América do Norte: Califórnia 48–57; Canadá 92–105, 137, 191; Nova Inglaterra 47–53; Purcell, *Califórnia* I, 8a–d, 9.

Brasil: Alagoas 3.1–4; Baía 1.2.1–2 (em galego), 1.2.3–14 (contaminações: 1.1.3 [com *Delgadinha*]; em galego]; 1.15.4 [com *Gerinaldo*]; 1.16.2, p. 148, em

prosa [com *Bernal Francês + Aparição*]; Magalhães 1973, p. 61; Maranhão, pp. 129–131, 135–138; Pernambuco, pp. 360–365; Romero 1954, 6; Sergipe 6.1–13 (m: pp. 543 [6.1], 544 [6.8, 6.3–4], 561 [6.6–7, 6.9]).

Galiza: Valenciano *et al.* 1998, 27; Sampedro 177; Carré 71–73.

Castela: Asturias 14; CVR 48; FM 76, 231–233, 252; RGL 28; RPE 6; RPM 134; RTM 40; Trapero 1989, 31; Vilhena 1989, pp. 133 (m: p. 134), 136–137 (ambas em port.); VN 15.1–4.

Catalunha: AFC 3029; Amades, I, 39; Macabich 1954, pp. 26–31; Milá 1882, 237.

Sefarditas: CMP, L1; Israel 23; MP 64; PTJ 64; Tânger 25, 27; Tetuán 85.

América Espanhola: Chile 7; MP “América” 8.

Tradição antiga: *Primavera* 163: Retraida está la infanta, / bien así como solía.

Correspondências pan-europeias: Armistead, RPI, p. 629 (L1): Versões italianas; veja-se também *Corvo e Flores*, p. 169.

FLÉRIDA

Portugal: Galhoz 1987–1988, 374; Marques–Silva 51; Pinto-Correia 2003, 154–157; RPI, S1; RPTOM, IV: 1275–1287; Trás-os-Montes, *Cancioneiro* 31; Trás-os-Montes, *Romanceiro*, 719–725. CONTAMINAÇÕES: Beira Baixa 52–53, 57, 59–61, 66 (com *Conde Alarcos*); Beja 2, 4, 6–8 (conclui *Aliarda + Conde Claros Vestido de Frade*), 25, 27, 29, 30, 33 (com *Conde Alarcos*); Castelo Branco 5–6 (com *Conde Claros Vestido de Frade*), 22–26 (com *Conde Alarcos*); Corvo e Flores 17A.57–60, 17B.54–59 (com *Conde Alarcos*); Faro 31 (com *Conde Alarcos*); Galhoz 1987–1988, 301 (com *O Cego*), e I, p. 538 (s.v. *Duardos (D.) e Flérída*); Guarda 16 (com *Conde Alarcos*); Madeira: p. 328, s.v. *Flérída y D. Duardos*; Pinto-Correia 2003, 89.197–202, 91.44–47 (com *Conde Alarcos*); Purcell, *Ilhas*, p. 272 (s.v. *Flérída e Dom Duardo*); RPTOM, I, p. 511, II, p. 496 (s.v. *Flérída y don Duardos*); Trás-os-Montes, *Cancioneiro* 12d (m) (com *Conde Alarcos*), 23f (com *O Cego*); Trás-os-Montes, *Romanceiro* 113 (com *Canta, Mouro + Abenámar*).

América do Norte: Califórnia, p. 211 (contaminações); Canadá 201 (com *O Passarinho*) e p. 507 (outras contaminações); Nova Inglaterra, p. 273 (contaminação); Purcell, *Califórnia* I, 8A–8B, 8D, 9 (com *Conde Alarcos*).

Castela: RQDB 69.

Sefarditas: CMP, S2; MP 105; PTJ 104; Tânger 49; Tetuán 157.

Tradição antiga: Vicente 1968, p. 225: En el mes era de abril, / de mayo antes un día; Nucio 1945, 253; Durán 1945, 288; *Silva*, p. 234. Veja-se também Vasconcelos 1934, pp. 115–134.

6. A CONFISSÃO DE NOSSA SENHORA (ESTRÓFE)

Versão de Machico, recitada por uma senhora de cerca de 80 anos de idade, cuja filha não permitiu que ela dissesse o nome, em Julho de 1990 (IA370:4).

A Virgem Nossa Senhora, a Mãe do Verbo Divino,
2 cheia de fé e puríssima se confessou ao domingo.
Não por a Virge tê pecado e nem pelos tê cometido;
4 só por guardar o preceito do seu legítimo filho.
Q'ando o padre viu a Virge, pensamento e duvidou;
6 logo qu' o padre s'assentou, a donzela ajoelhou.
O ventre qu'ela trazia céu e terra alumiou. [...]
8 — Ó senhô padre da missa, vamos por os mandamentos,
qu' o primeiro qu' eu amei foi um Divino Senhore,
10 que lo trago em meu ventre, criado a meu favor.
O segundo, eu desejei de ser criada a menore,
12 ser esposa de Jesus e mãe do divino sol.
O quarto é honrar nossos pais melhor qu' a nós;
14 não sei se faço ofensa em tratar Jesus por vós.
O quinto eu matei um demónio infernale
16 qu' atenta o mê bendito filho sem pecado original.
O sêxtimo é guardar as coisas que de Dês são,
18 qu' a vinte e cinco de Março tive grande acupação.
Ah senhô padre de missa, já 'tã feita a confissão;
20 vos peço por caridade que me deite assolução.
— Levanta-te, pomba branca, meu espelho cristalino;
22 em todo o bem s'encerra quem tem no Verbo Divino.
Quem o soubé que o diga, quem a ouvi que a aprenda,
24 que no Dia do Juizo saberá o que le pretende.

Portugal: Beira Baixa 163–164; Faro 105; Galhoz 1987–1988, 536–541; Galhoz 2001, 33; RPI, U53; São Jorge 268–269; Trás-os-Montes, *Romanceiro* 990–992; *Vale Judeu*, I: 87.

Castela: FM 203, 308–309; RPE 153; RPM 463; Trapero 1989, 84.

Catalunha: Milá 1882, 15 (em cast.).

7. VIDA DE FREIRA (ESTRÓF)

Versão de Sítio da Torre, Gaula, recitada por Maria Rodrigues (Aguiar), de 72 anos de idade, no dia 21 de Julho de 1990 (7A180:6).

1.

Mê pai, minha mãe quis fazer,
só para nã dá mê dote,
dizendo qu' a melhó sorte
qu' era sê freira, qu' era sê freira.

2.

Com' à menina queria,
cuidava qu' era verdade;
mê pai, minha mãe quis fazê,

cedi-lh'a sua vontade. [...]

3.

Ê mais queria 'tar agora [...]
embalando os filhos meus,
do que sê freira professa
p'a mais ofender a Dês.

4.

Ê mais queria 'tar agora
embalando em mês meninos,
do que sê freira professa,
tocando e dobrando os sinos.

2a *cria*?. — 2b cuidando. — 3b e. os mês meninos.

Portugal: Galhoz 1987–1988, 1086; RPI, X20; Trás-os-Montes, *Romanceiro* 1146 (m).

América do Norte: Nova Inglaterra 158.

Brasil: Pernambuco, pp. 378–382.

Tradição antiga: Pedrell 1958, III, 79 (de Juan Navarro); *Silva*, p. 248: Ya no basta sufrimiento / para no quexarme en grita.

CORRESPONDÊNCIAS COM O IGR

0095 El conde Alemán
0138 La infanta seducida
0155 Casada de lejas tierras
0168 La aparición
0222 Bernal Francés
0234 Albaniña
0309 La devota del fraile
0431 Flérida y don Duardos
0469 La infanta preñada
0503 El conde Alarcos
0682 Confesión de la Virgen
2880 Quejas de una monja

Obras Citadas

AFC = AMADES, Joan. 1951. *Folklore de Catalunya. Cançoner (Cançons–refranys–endevinalles)*, Barcelona, Editorial Selecta.

AGUILÓ Y FUSTER, M. 1893. *Romancer popular de la terra catalana. Cançons feudals, cavalleresques*, Barcelona, Alvar Verdaguer.

Alagoas = VILELA, José Aloísio Brandão. 1983. *Romanceiro Alagoano*, org. Maria Thereza Wucherer Braga, Bráulio do Nascimento, Théo Brandão, e Maria Thereza Ribeiro Massow,

Maceió, Edufal.

- Amades I = AMADES, Joan. 1935. *Cançons populars amoroses i cavallesresques*. Tárrega, F. Camps Calmet.
- Amades II = AMADES, Joan. 1936. *Cançons populars històriques i de costums*, Tárrega, F. Camps Calmet.
- América = DIAZ ROIG, Mercedes. 1990. *Romancero tradicional de América*, México, D.F., El Colegio de México.
- Argentina = CHICOTE, Gloria B. 2002. *Romancero tradicional argentino* (Papers of the Medieval Hispanic Research Seminar, 25), Londres, Department of Hispanic Studies, Queen Mary, University of London.
- Armistead, RPI = ARMISTEAD, Samuel G., “Correspondências Pan-Europeias / Pan-European Analogues”, *RPI*, 624-644.
- ARMISTEAD, Samuel G., e Manuel da Costa FONTES. 1985. “Joanne Burlingame Purcell (1938-1984)”. *Revista Lusitana (Nova Série)*, 6, 173-177; reimpresso em *Atlântida*, 33 (1987), 150-155.
- Astúrias = BUSTO CORTINA, Juan. 1989. *Catálogo-índice de romances asturianos*. [Oviedo], Principado de Asturias, Consejería de Educación, Cultura, Deportes y Juventud.
- AZEVEDO, Álvaro Rodrigues de. 1880. *Romanceiro do Arquipélago da Madeira*, Funchal, “Voz do Povo”.
- Baía = ALCOFORADO, Doralice Fernandes Xavier, e María del Rosario SUÁREZ ALBÁN. 1996. *Romanceiro Ibérico na Bahia*, Salvador, Bahia, Livraria Universitária.
- Beira Baixa = CRUZ, José Pires da. 1995. *Romanceiro Tradicional da Beira Baixa*, Idanha-a-Nova, Câmara Municipal.
- Beja = MARTINS, Ana Maria, e Pere FERRÉ. [1989]. *Romanceiro Tradicional do Distrito de Beja*, 1, Santiago do Cacém/Madrid, Real Sociedade Arqueológica Lusitana/Seminário Menéndez Pidal.
- Bosnia = ARMISTEAD, Samuel G., e Joseph H. SILVERMAN, com a colab. de Biljana Šljivić ŠIMŠIĆ. 1971. *Judeo-Spanish Ballads from Bosnia* (University of Pennsylvania Press Publications in Folklore and Folklife), Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- BRAGA, Teófilo. 1869. *Cantos Populares do Arquipélago Açoriano*, Porto, Livraria Nacional (reed. em fac-símile, com pref. de José de Almeida Pavão Jr., Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1982).
- Califórnia = FONTES, Manuel da Costa. 1983. *Romanceiro Português dos Estados Unidos*, 2, *Califórnia*, pref. de Samuel G. Armistead e Joseph H. Silverman (Acta Universitatis Conimbricensis), Coimbra, Universidade (ed. paralela em Fuentes para el Estudio del Romancero, Serie Luso-Brasileira, 2, Madrid, Cátedra-Seminário Menéndez Pidal, 1983)
- Canadá = FONTES, Manuel da Costa. 1979. *Romanceiro Português do Canadá*, pref. de Samuel G. Armistead e Joseph H. Silverman (Acta Universitatis Conimbricensis), Coimbra, Universidade.
- Carré = CARRÉ ALVARELLOS, Lois. 1959. *Romancero popular galego de tradizón oral*, Porto, Junta de Província do Douro Litoral.
- Castelo Branco = FERRÉ, Pere, com a colab. de José António FALCÃO, Jorge M. Rodrigues FERREIRA, Fátima Freitas MORNÁ et al. 1987. *Romanceiro Tradicional do Distrito de Castelo Branco*, 1, Lisboa, Estar.
- CATALÁN, Diego. 2001. *El Archivo del Romancero, Patrimonio de la Humanidad, Historia documentada*

de un siglo de historia, 2 vols., Madrid, Fundación Menéndez Pidal–Seminario Menéndez Pidal, Universidad Complutense.

Chile = VICUÑA CIFUENTES, Julio. 1912. *Romances populares y vulgares recogidos de la tradición oral chilena*, Santiago de Chile, Imprenta Barcelona.

CMP = ARMISTEAD, Samuel G. 1978. Com a colab. de Selma MARGARETTEN, Paloma MONTERO, e Ana VALENCIANO, transcrições musicais editadas por Israel J. KATZ. *El romancero judeo-español en el Archivo Menéndez Pidal (Catálogo-índice de romances y canciones)*, 3 vols., Madrid, Cátedra-Seminario Menéndez Pidal.

Colombia = BEUTLER, Gisela. 1977. *Estudios sobre el romancero español en Colombia en su tradición escrita y oral desde la época de la conquista hasta la actualidad*, Bogotá, Instituto Caro y Cuervo.

Corvo e Flores = Joanne B. PURCELL. 2002. *Romanceiro Tradicional das Ilhas dos Açores*, I, Flores e Corvo, org. Samuel G. Armistead, Cristina Carinhas, Pere Ferré e Manuel da Costa Fontes, transcrições musicais de Israel J. Katz, Angra do Heroísmo / Lisboa, Governo Regional dos Açores / Universidade Nova de Lisboa.

Costa Rica = CRUZ-SÁENZ, Michèle S. de. 1986. *Romancero tradicional de Costa Rica*, pref. de Samuel G. Armistead, transcrições musicais de Christina D. Braidotti, Newark, Delaware, Juan de la Cuesta.

Cuba = MARISCAL, Beatriz. 1996. *Romancero general de Cuba*, México, D. F., El Colegio de México.

CVR = MENÉNDEZ PIDAL, Juan. 1885. *Poesía popular, Colección de los viejos romances que se cantan por los asturianos en la danza prima, esfoyazas y filandones*. Madrid, Hijos de J.A. García (2.ª ed. em fac-símile, org. Jesús Antonio Cid, Madrid/Gijón, Seminario Menéndez Pidal/Gredos/GH Editores, 1986).

DÉBAX, Michelle, 1982. *Romancero*, Madrid, Alhambra.

DÍAZ-MAS, Paloma. 1994. *Romancero* (Biblioteca Clásica, 8), estudo preliminar de Samuel G. Armistead, Barcelona, Crítica (2.ª ed. 2001).

DÍAZ ROIG, Mercedes. 1981. *El romancero viejo*. Madrid, Cátedra.

DI STEFANO, Giuseppe. 1973. *El romancero, Estudio, notas y comentario de texto*, Madrid, Taurus (2.ª ed., 1993).

DURÁN, Agustín. 1945. *Romancero general o Colección de romances castellanos anteriores al siglo XVIII* (Biblioteca de Autores Españoles, 10, 16), 2 vols. Madrid, Atlas.

Faro = ANASTÁCIO, Vanda. [1990]. *Romanceiro Tradicional do Distrito de Faro*, 1, Santiago do Cacém–Madrid, Real Sociedade Arqueológica Lusitana–Seminario Menéndez Pidal.

FERRÉ, Pere. 1983. “O Romanceiro Tradicional, Uma Coleção de Romances da Ilha da Madeira”, *Vértice*, 454 (Maio–Junho), 3–28.

FM = CATALÁN, Diego. 1969. Com a colab. de María Jesús LÓPEZ DE VERGARA, Mercedes MORALES, Aracelli GONZÁLEZ, María VICTORINA, e Ana VALENCIANO, *La flor de la marañuela, Romancero general de las Islas Canarias*, 2 vols., Madrid, Cátedra-Seminario Menéndez Pidal–Gredos.

FONTES, Manuel da Costa. 1989–1990. “Portuguese Ballads from Canada, A Supplement”, *La Corónica*, 18.2, 51–68.

_____ (1990), “A Transmissão Oral e as Progressivas Modificações Éticas e Estéticas, O Caso de *Vida de Freira*”, *Atlântida*, 35, 17–54.

_____ (1992), “*Vida de Freira* en la tradición oral luso-brasileira”, In Beatriz Garza Cuarón e Yvette Jiménez de Báez (orgs.), *Estudios de folklore y literatura dedicados a Mercedes Díaz Roig*, México, D. F., El Colegio de México, 641–665.

- _____ (2001), Recensão a Valenciano *et al.* 1998, *Hispanic Review* 69.3, 386–388.
- _____ (2003–2004), Recensão a Catalán 2001, *Estudos de Literatura Oral* 9–10, 321–327.
- FONTES, Manuel da Costa, e Maria-João Câmara FONTES. 2001. “Da Idade Média aos Nossos Dias, Seis Romances da Ilha da Madeira”, *Brigantia*, 21.1–2, 7–22.
- FRENK, Margit. 2003. *Nuevo corpus de la antigua lírica popular hispánica (siglos XV a XVII)*, 2 vols., México, Universidad Nacional Autónoma de México/El Colegio de México/Fondo de Cultura Económica.
- GALHOZ, Maria Aliete DORES. 1987–1988. *Romanceiro Popular Português*, 2 vols., Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- _____ (2001), *Orações de Ligares Recolhidas por Guerra Junqueiro*, pref. de Arnaldo Saraiva, Porto, Campo de Letras.
- GARRETT, Almeida. 1963. *Romanceiro*, 3 vols., org. Fernando de Castro Pires de Lima, Lisboa, Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho.
- Guarda = FERRÉ, Pere. 1987. Com a colab. de José António FALCÃO, Jorge M. Rodrigues FERREIRA, Fátima Freitas MORNÁ *et al.*, *Romanceiro Tradicional do Distrito da Guarda*, 1, Lisboa, Estar.
- Israel = ATTÍAS, Moshe. 1961. *Romancero sefardí, Romanzas y cantes populares en judeo-español*, 2.^a ed., Jerusalém, Instituto Ben-Zewi, Universidade Hebraica.
- LIMA, Rossini Tavares de. 1971. *Romanceiro Folclórico do Brasil*, São Paulo/Rio de Janeiro, Irmãos Vitale.
- MACABICH, Isidor. 1954. *Romancer tradicional civisenc*, Palma de Mallorca, Editorial Moll, 1954.
- Madeira = FERRÉ, Pere. 1982. Com a colab. de Vanda ANASTÁCIO, José Joaquim Dias MARQUES, e Ana MARTINS, Ana Maria, *Subsídios para o Folclore da Região Autónoma da Madeira, Romances Tradicionais*, [Funchal], Câmara Municipal.
- MAGALHÃES, Celso de. 1973. *A Poesia Popular Brasileira*, org. Bráulio do Nascimento, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional.
- Maranhão = LOPES, António. 1967. *Presença do Romanceiro. Versões Maranhenses*, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira.
- Marques-Silva = MARQUES, José Joaquim Dias, e Maria Angélica Reis da SILVA. 1984–1985 e 1987. “Para o Romanceiro Português”, *Revista Lusitana (Nova Série)*, 5, 73–133; 8, 105–176.
- Marruecos = BÉNICHOU, Paul. 1968. *Romancero judeo-español de Marruecos*, Madrid, Castalia.
- MENÉNDEZ PELAYO, Marcelino. 1945. “Apêndice y suplemento a la Primavera y flor de romances” de Wolf e Hofmann, *Antología de poetas líricos castellanos*, 2.^a ed., vol. IX (Edición Nacional de las Obras completas de Menéndez Pelayo, vol. XXV), Santander, Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón. 1953. *Romancero hispánico (hispano-portugués, americano y sefardí)*, 2 vols., Madrid, Espasa-Calpe.
- México = DÍAZ ROIG, Mercedes, e Aurelio GONZÁLEZ. 1986. *Romancero tradicional de México*, México, D.F., UNAM.
- MILÁ Y FONTANALS, Manuel. 1882. *Romancerillo catalán, Canciones tradicionales*, Barcelona, Alvaro Verdaguer.
- MP = MENÉNDEZ PIDAL, Ramón. 1906 e 1907. “Catálogo del romancero judío-español”, *Cultura Española*, 4, 1045-1077; 5, 161-169 (reimp. em *El romancero, Teorías e investigaciones*, Madrid, Páez, 1928, 184–229, e em *Los romances de América y otros estudios* (Colección Austral, 55), 6.^a ed., Madrid, Espasa-Calpe, 1958, 114–179).

- MP “América” = MENÉNDEZ PIDAL, Ramón. 1906. “Los romances tradicionales en América”, *Cultura Española*, 1, 72–111 (reimp. em *Los romances de América y otros estudios* (Colección Austral, 55), 6.ª ed., Madrid, Espasa-Calpe, 1958, 13–46).
- Nova Inglaterra = FONTES, Manuel da Costa. 1980. *Romanceiro Português dos Estados Unidos*, 1, *Nova Inglaterra*, “Acta Universitatis Conimbrigensis”, pref. de Samuel G. Armistead e Joseph H. Silverman, Coimbra, Universidade (ed. paralela em “Fuentes para el Estudio del Romancero, Serie Luso-Brasileira”, 1a, Madrid, Cátedra-Seminario Menéndez Pidal, 1980).
- NUCIO, Martín. 1945. *Cancionero de romances impreso en Amberes sin año*, org. Ramón Menéndez Pidal, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Nuevo México = ESPINOSA, Aurelio Macedonio. 1953. *Romancero de Nuevo México*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- PEDRELL, Felipe. 1958. *Cancionero popular musical español*, 2.ª ed., 4 vols., Barcelona, Boileau.
- Pernambuco = COSTA, Francisco Augusto Pereira da. 1908. *Folclore Pernambucano*, Rio de Janeiro, Livraria J. Leite.
- PINTO-CORREIA, João David. 2003. *Romanceiro Oral da Tradição Portuguesa, Apresentação Crítica, Antologia e Sugestões para Análise Literária*, Lisboa, Duarte Reis.
- Primavera = WOLF, Fernando J., e Conrado HOFMANN. 1945. *Primavera y flor de romances*, 2.ª ed., 2 vols., reimp. Marcelino MENÉNDEZ PELAYO, *Antología de poetas líricos castellanos*, “Edición Nacional de las Obras completas de Menéndez Pelayo”, vol. XXIV, 2.ª ed., vol. VIII, Santander, Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- PTJ = ALVAR, Manuel. 1971. *Poesía tradicional de los judíos españoles*, 2.ª ed., México, D.F., Porrúa.
- Purcell, *Califórnia* I = PURCELL, Joanne B. 1968. *Portuguese Traditional Ballads from California*, Dissertação de Mestrado, Los Angeles, University of California.
- Purcell, *Califórnia* II = PURCELL, Joanne B. 1969. “Traditional Ballads Among the Portuguese in California”, *Western Folklore*, 28, 1–19, 77–90.
- Purcell, *Ilhas* = PURCELL, Joanne B. 1987. *Novo Romanceiro Português das Ilhas Atlânticas*, 1 (“Fuentes para el Estudio del Romancero, Serie Luso-Brasileira”, 4), org. Isabel Rodríguez-García, com a colab. de João A. das Pedras Saramago. Madrid, Seminario Menéndez Pidal-Universidad Complutense.
- RGL = CATALÁN, Diego, Mariano DE LA CAMPA, et al. 1991. *Romancero General de León, Antología 1899–1989*, 2 vols., Madrid, Seminario Menéndez Pidal/Diputación Provincial de León.
- ROMERO, Sílvio. 1954. *Cantos Populares do Brasil*, (“Coleção Documentos Brasileiros”, 75 e 75–A), org. Luís da Câmara Cascudo, 2 vols. Rio de Janeiro, José Olympio, 1954 (1.ª ed., *Cantos Populares do Brasil, acompanhados de introdução e notas comparativas por Teófilo Braga*, 2 vols., Lisboa, Nova Livraria Internacional, 1883).
- RPE = GIL GARCÍA, Bonifacio. 1944. *Romances populares de Extremadura recogidos de la tradición oral*, Badajoz, Diputación Provincial.
- RPI = Fontes, Manuel da Costa. 1997. *O Romanceiro Português e Brasileiro, Índice Temático e Bibliográfico (com uma bibliografia pan-hispânica e resumos de cada romance em inglês) / Portuguese and Brazilian Balladry, A Thematic and Bibliographic Index (with a Pan-Hispanic bibliography and English summaries for each text-type)*, selecção e organização das transcrições musicais de Israel J. Katz, correlação Pan-Europeia de Samuel G. Armistead, 2 vols., Madison, Wisconsin, The Hispanic Seminary of Medieval Studies
- RPM = COSSÍO, José María de, e Tomás Maza Solano. 1933-1934. *Romancero popular de La Montaña, Colección de romances tradicionales*, 2 vols., Santander, Sociedad Menéndez y Pelayo.

- RPTOM = FERRÉ, Pere. 2000-2004. Com a colab. de Cristina CARINHAS, Ramon dos Santos de JESUS e Eva PARRANO, *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna, Versões Publicadas entre 1828 e 1960*, 4 vols., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- RQDB = GOYRI DE MENÉNDEZ PIDAL, María. [1929]. *Romances que deben buscarse en la tradición oral* (com um estudo musical, “Indicaciones prácticas de notación musical de los romances”, por Eduardo M. Torner), Madrid, José Molina.
- RTM = PIÑERO, Pedro M., e Virtudes Atero. 1987. *Romancero de la tradición moderna*, Sevilha, Fundación Machado/Texto e Imagen.
- Sampedro = SAMPEDRO Y FOLGAR, Casto, e José Figueira Valverde. 1942. *Cancionero musical de Galicia, Colección de la Sociedad Arqueológica de Pontevedra*, 2 vols., Madrid, “El Museo de Pontevedra”.
- São Jorge = FONTES, Manuel da Costa. 1983. *Romanceiro da Ilha de S. Jorge*, (Acta Universitatis Conimbrigensis), prefácio de Samuel G. Armistead e Joseph H. Silverman, transcrições musicais de Halim El-Dabh, Coimbra, Universidade (ed. paralela em “Fuentes para el Estudio del Romancero, Serie Luso-Brasileira”, 2, Madrid, Cátedra-Seminario Menéndez Pidal).
- Sergipe = LIMA, Jackson da Silva. 1977. *O Folklore em Sergipe*, 1, *Romanceiro*, Rio de Janeiro/Brasília, Livraria Editora Cátedra/Instituto Nacional do Livro.
- Silva = RODRÍGUEZ-MOÑINO, Antonio (org.). 1970. *Silva de romances (Zaragoza, 1550–1551), ahora por primera vez reimpressa desde el siglo XVI en presencia de todas las ediciones*, Zaragoza, Publicaciones de la Cátedra Zaragoza.
- SMITH, C. Colin. 1964. *Spanish Ballads*, Oxford, Pergamon Press (2.^a ed., Londres / Bristol Classical Press, 1996).
- Tánger = ARMISTEAD, Samuel G., e Joseph H. SILVERMAN. 1977. Com a colab. de Oro Anahory LIBROWICZ, *Romances judeo-españoles de Tánger recogidos por Zarita Nahón*, transcrições musicais de Israel J. Katz, Madrid, Cátedra-Seminario Menéndez Pidal.
- Terceira = FONTES, Manuel da Costa. 1990. “Sobre o Romanceiro da Ilha Terceira, Um Pequeno Subsídio”, *Revista de Cultura Açoriana*, 2, 135–178.
- Tetuán = LARREA PALACÍN. 1952. Arcadio de, *Romances de Tetuán*, 2 vols., Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- [TORRES, Jorge] (org.). 1995. *Recolhas Xarabanda*, 1, *Romances Tradicionais e Cantigas Narrativas*, introd. de João David Pinto-Correia, Funchal, Xarabanda.
- TRAPERO, Maximiano. 1989. *Romancero tradicional canario*, Islas Canarias, Viceconsejería de Cultura y Deportes.
- Trás-os-Montes, *Cancioneiro* = ARMISTEAD, Samuel G., e Manuel da Costa FONTES (orgs.). 1998. *Cancioneiro Tradicional de Trás-os-Montes*, textos recolhidos por Samuel G. Armistead, Israel J. Katz, Zília Osório de Castro e Candace Slater, transcrições musicais de Israel J. Katz, Madison, Wisconsin, The Hispanic Seminary of Medieval Studies.
- Trás-os-Montes, *Romanceiro* = FONTES, Manuel da Costa. 1987. *Romanceiro da Província de Trás-os-Montes (Distrito de Bragança)*, (Acta Universitatis Conimbrigensis), coligido com a colab. de Maria-João Câmara Fontes, pref. de Samuel G. Armistead e Joseph H. Silverman, transcrições musicais de Israel J. Katz, 2 vols., Coimbra, Universidade.
- Vale Judeu = CUSTÓDIO, Idália Farinho, e Maria Aliete Farinho DORES GALHOZ. 1996–1997. *Memória Tradicional de Vale Judeu*, 2 vols., Loulé, Câmara Municipal.

- VALENCIANO, Ana, *et al.* 1998. *Os romances tradicionais de Galicia. Catálogo exemplificado dos seus temas* (Romanceiro Xeral de Galicia, 1), Madrid–Santiago de Compostela, Publicacións do Centro de Investigacións Lingüísticas e Literarias Ramón Piñeiro/Fundación Ramón Menéndez Pidal.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. 1934. *Estudos sobre o Romanceiro Peninsular, Romances Velhos em Portugal*, 2.^a ed., Coimbra, Imprensa da Universidade.
- VILHENA, Maria da Conceição. 1989. “Literatura Oral em Cedillo e Herrera de Alcântara”, *Revista Lusitana (Nova Série)*, 10, 125–156.
- VN = PETERSEN, Suzanne H., J. Antonio CID, Flor SALAZAR, y Ana VALENCIANO. 1982. Com a colab. de Bárbara FERNÁNDEZ e Concepción VEGA, *Voces nuevas del romancero castellano-leonés*, (AIER [Archivo Internacional Electrónico del Romancero] 1–2), Madrid, Seminario Menéndez Pidal.
- VICENTE, Gil. 1968. *Tragicomedia de Don Duardos*. In *Gil Vicente, Obras dramáticas catellanas*, (Clásicos Castellanos, 126), org. Thomas R. Hart , 2.^a ed., Madrid, Espasa-Calpe.